

DOS FATOS, OPINIÕES E SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM EDITORIAIS JORNALÍSTICOS

ON FACTS, OPINIONS AND NOMINAL SUBORDINATE CLAUSES IN NEWSPAPER EDITORIALS

*Luciane Moritz Sommer**

*Tânia Gastão Saliés***

RESUMO: Buscando elucidar como o uso da linguagem se relaciona com a formação da opinião pública, este artigo analisa criticamente um corpus de 20 editoriais publicados em jornais brasileiros quando do início da guerra entre o Iraque e os EUA. Ao fazê-lo, não só identifica que construção gramatical emerge como prototípica no corpus, mas também explica à luz da relação figura-fundo e do conceito de mescla, como as opiniões presentes nos editoriais são projetadas como “verdades” para o público-leitor.

PALAVRAS-CHAVE: espaço mental; mescla; figura-fundo; orações subordinadas substantivas; editoriais jornalísticos.

ABSTRACT: This article critically analyzes a corpus of 20 newspaper editorials published at the onset of the Iraq war in major Brazilian newspapers. Its objective is to understand how language use relates to the formation of public opinion. To do it, we quantitatively identify a prototypical construction in the corpus and then qualitatively analyze its effects at the discourse level. Results show that copulas in cleft constructions trigger blended spaces where opinions act as truths, thus forming public opinion.

KEY WORDS: mental space; blend; figure-ground; nominal subordinate clauses; newspaper editorials.

*PUC – Rio, Mestre em Letras, Estudos da Linguagem. Email: lusommer@hotmail.com.

**UERJ, Phd em Letras, Professora Adjunta de Estudos da Linguagem. Email: tania.salies@gmail.com.

DOS FATOS, OPINIÕES E SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS EM EDITORIAIS JORNALÍSTICOS

Introdução

Este artigo analisa criticamente um corpus de 20 editoriais publicados em jornais brasileiros quando do início da guerra entre o Iraque e os EUA. Ao fazê-lo, não só identifica que construção gramatical emerge como prototípica no corpus, mas também explica à luz da assimetria figura-fundo (KHALIL, 2000, GRUNDY e JIANG, 2001, TALMY, 1978) e do conceito de mescla (FAUCONNIER e TURNER, 2002), como opiniões presentes nos editoriais são projetadas como “verdades” para o público-leitor.

O discurso de editoriais jornalísticos já foi objeto de investigação segundo a ótica cognitivo-discursiva na obra de van Dijk (1983, 1996), na qual a relação entre opinião e ideologias subliminares é tratada como representações compartilhadas ou modelos contextuais (van Dijk, 1996). Van Dijk examina qualitativamente um exemplo de editorial. No entanto, não se trata de um estudo de corpus nem de uma análise à luz do sociocognitivismo. Esse é o propósito do presente artigo. Nele vamos lançar mão da lingüística de corpus, da pragmática e do sociocognitivismo para iluminar que recursos lingüísticos se relacionam com a formação da opinião pública em editoriais e como esse processo acontece no nível pragmático e cognitivo.

Segundo Biber (1988), as orações subordinadas substantivas são recursos lingüísticos com alto grau de ocorrência no discurso editorial por remeterem a um conhecimento compartilhado. Em sua análise multidimensional de um corpus de editoriais em mais de uma língua, aponta para a função argumental das subordinadas substantivas, entidades discursivas que inclui na constituição da dimensão “elaboração informativa *on-line*”. Ou seja, o autor associa essas orações a um alto grau de interatividade na situação comunicativa de leitura/produção no gênero editorial jornalístico. Se assim o é, talvez as orações substantivas configurem espaços de referenciação conducente à formação da opinião pública ou ao jogo de fatos e opiniões visando à persuasão.

Aliados a esses fatos, encontramos ainda na literatura sobre planos discursivos e estrutura da informação um corpo de conhecimento que também iluminou os caminhos desse estudo. Khalil (2000), Grundy e Jiang (2001), Talmy (1978) relacionam a assimetria figura-fundo à nossa capacidade de estruturar a cena comunicativa segundo várias perspectivas, tomando um viés sociocognitivo e pragmático. Segundo eles, como as limitações de nossa memória de trabalho não nos permitem manter todas as facetas de uma mesma cena no foco de atenção, impomos, como produtores do discurso, um recorte na cena: selecionamos o que vão ficar em primeiro plano (a figura do discurso) e o que vai ser fundo (ou informação complementar) na cena comunicativa.

Grundy e Jiang (2001), em seu estudo sobre ideologia e relevância, definem figura-fundo como uma *gestalt* que se relaciona com mecanismos de percepção, orientados para a relevância (SPERBER e WILSON, 1995). A partir de um corpus com as falas do Presidente Clinton proferidas em rede nacional de televisão sobre o caso Mônica Lewinsky, os autores mostram que a assimetria figura-fundo advém de fatos do contexto discursivo, que não são necessariamente discursivos nem sintáticos. Khalil (2000) vai além e propõe que a estrutura da informação é um mecanismo que opera no nível cognitivo e está relacionada à estruturação de modelos mentais¹. Tal qual para os funcionalistas, o autor também entende, dentre outras coisas, que a informação é organizada em níveis de importância. O segmento

¹ Representação interna, por um sujeito, de um corpo de conhecimento adquirido via percepção. Pode ser uma representação de experiências ou imaginária (Johnson-Laird, 1983).

considerado mais importante pelo produtor do discurso é apresentado de forma mais saliente à percepção, isto é, como figura. A informação menos importante é articulada como fundo.

No nível discursivo, uma das pistas para tal recorte é a ordem das orações e das palavras nas frases e a entoação (BLOOR e BLOOR, 1995; HALLIDAY, 1967). Ao selecionarmos o que vai aparecer primeiro ou por último imprimimos maior relevância a um dado segmento do discurso. Tanto Halliday (1967) quanto Brown e Yule (1983, p. 181) concordam que “a forma de uma frase [...] parece indicar pressuposições por parte do falante”. Ambos afirmam que é o falante quem determina a estrutura da informação (o que é fundo e o que é figura). Ou seja, apesar de haver regularidades que possibilitam a associação entre estrutura da informação e aspectos sintáticos e fonológicos, elas devem ser observadas no contexto discursivo. Em outras palavras, a organização do discurso parece refletir fatos da percepção. Aquilo que enquanto autores percebemos como mais saliente tende a aparecer com maior frequência no discurso.

Com base nessa revisão da literatura, nos voltamos para o corpus para investigar que construção sintática ocorre com tal regularidade/frequência que permanece no foco de atenção. Ao contrário de tratamentos meramente inter-sentenciais ou temáticos que seguem a linha funcionalista, apontamos para a possibilidade de o fundo estar no CONTEXTO e não necessariamente no discurso. Se assim o for, as subordinadas substantivas constituirão espaços de referência onde há pressuposições, o que permite que a opinião do produtor do discurso se desloque na cena comunicativa do plano de fundo para o foco de atenção, tornando-se figura. É essa hipótese que pretendemos investigar.

Para tal, combinaremos análises qualitativas e quantitativas e tomaremos como unidades de análise a assimetria figura-fundo e o conceito de mescla. Essas unidades serão devidamente definidas nas seções 2 e 4 deste estudo. Primeiramente, no entanto, caracterizaremos o nosso objeto de análise: os editoriais.

1. Os editoriais

O gênero editorial jornalístico institucional tem como propósito comunicativo apresentar a opinião do jornal enquanto instituição, caracterizando-se como um espaço de reflexão e crítica sobre algum fato ou notícia. Como tal, envolve estratégias retóricas argumentativas que visam persuadir o

interlocutor a se alinhar com a posição adotada pelo produtor do discurso. Ao mesmo tempo, a mídia procura sempre marcar perante a sociedade que sua tarefa é informar de forma “isenta” a “verdade”. Inspiradas pelo aparato da pragmática e do sociocognitivismo (van DIJK, 1996; THOMPSON, 1987, FAUCONNIER e TURNER, 2002), entendemos que não há discurso isento de voz, já que todo discurso é função de uma perspectiva que emerge do contexto situacional e discursivo. *Quem fala* e o contexto de produção é tão importante quanto para *quem se fala, onde se fala, como se fala e porque se fala*.

1.1. O corpus

O corpus é composto por vinte editoriais (n=20) extraídos de oito jornais de grande circulação (n=8) no Brasil, publicados entre 01/02/2003 e 15/05/2003 na internet, totalizando um banco de dados de 6.708 palavras². Ele representa o discurso jornalístico, especificamente o gênero editorial, construído nas cinco regiões do Brasil. Procuramos constituir um corpus que caracterizasse as variedades lingüísticas, sociais e culturais das diversas regiões do país de forma equilibrada e controlamos variáveis da produção textual como gênero, tópico (todos abordam a guerra no Iraque), número de palavras por editorial (312-368) e número de editoriais por região (quatro no mínimo e cinco no máximo). Como os editoriais foram retirados de edições *on-line* disponíveis na internet, não foi necessário obter autorização junto às instituições para utilização do material. As tabelas 1 e 2 resumem o perfil do banco de dados.

² Disponíveis em Sommer (2004), www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br, p.127-146. Último acesso em 28/11/2007.

Tabela 1 – Perfil dos editoriais no corpus

n=20

Publicação	n	Região	# palavras / data de publicação	Título do editorial	Movimentos retóricos típicos
Correio do Povo	4	Sul	343 20/02/2003	A guerra e a economia americana	Argumentação
			328 05/02/2003	Os efeitos da guerra na economia	Argumentação com coda
			349 17/02/2003	Rounds perdidos por Bush e Blair	Argumentação
			315 16/02/2003	A economia e a guerra	Argumentação
Gazeta de Alagoas	4	Nordeste	331 29/03/2003	A guerra e nós	Argumentação em blocos
			326 30/03/2003	Destino da ONU	Argumentação com coda
			315 22/03/2003	Apelos pela paz	Argumentação + traços de oralidade
			333 09/03/2003	Não à guerra	Argumentação
Folha de São Paulo	2	Sudeste	312 22/03/2003	Sob as bombas	Argumentação
			318 01/04/2003	Contra o tempo	Argumentação
O Globo	3		350 18/03/2003	Dedo no gatilho	Argumentação
			342 23/05/2003	Em revisão	Argumentação em blocos
Jornal do Brasil	1		326 18/03/2003	Ultimato à ONU	Argumentação
O Liberal	3		Norte	321 23/03/2003	Guerras e fracassos
		328 22/03/2003		Fatos consumados	Argumentação
		319 18/02/2003		A batalha pela paz	Argumentação

Publicação	n	Região	# palavras / data de publicação	Título do editorial	Movimentos retóricos típicos
Correio do Estado	4	Centro-oeste	368 29/03/2003	Notícias do front	Argumentação em blocos fechados com coda
			363 11/04/2003	Ordem imperial	Argumentação com coda
			361 23/03/2003	Novo mundo	Argumentação
			360 21/03/2003	Futuro incerto	Argumentação

Todos os editoriais seguem os movimentos retóricos típicos de textos argumentativos (tese, informações de fundo; evidências que sustentam a tese; pontos de vista alternativos; conclusão com ênfase no ponto defendido), alguns mais próximos e outros mais afastados do centro prototípico. Quatro deles apresentam uma conclusão pragmática como se fosse uma *coda*, característica do texto narrativo. Três apresentam argumentação em bloco, ou seja, apresentam os fatos e analisam os pontos positivos e negativos por duas vezes; imediatamente após, concluem com uma recomendação, conselho ou sugestão. Um deles apresenta argumentação em blocos fechados (repetem os movimentos retóricos da argumentação por três vezes) seguidos por *coda* conclusiva.

Tabela 2 – Características comunicativas dos editoriais

Editoriais n=20	
Subgênero	Institucional jornalístico
Estrutura retórica	Argumentativa
Entidade tópica	A guerra
Tópico	A guerra no Iraque e seus efeitos
Público-alvo	Leitores de jornal on-line, com escolaridade de média a alta e poder aquisitivo de médio a alto
Objetivo	Apresentar o ponto de vista do jornal
Orientação discursiva	Dada pela instituição (modelo cultural da globalização e ideologia antiimperialista subjacente em todos os editoriais)

2. As orações subordinadas e a assimetria figura-fundo

A assimetria figura-fundo advém da construção de vários planos discursivos. Tal processo é em geral alicerçado por um jogo onde certas estruturas são colocadas de forma mais saliente à percepção do público-leitor do que outras e vice-versa, de acordo com a perspectiva do produtor do discurso. Tomlin (1985) define informação de primeiro plano, ou figura, como a informação que é mais central ou saliente ou importante para o desenvolvimento do tema discursivo. A informação de fundo é definida como aquela que elabora ou desenvolve informações presentes no primeiro plano (Tomlin, 1985, p. 89). Neves (1997, p. 26-27) concorda com a definição do autor e relaciona o sistema de transitividade diretamente com os planos discursivos: o primeiro plano (ou figura) constitui-se das partes que melhor expressam os propósitos do produtor do discurso (a narrativa dos eventos), e o plano de fundo constitui-se das partes que elaboram, refinam e fundamentam a narrativa básica sem fazê-la progredir.

Ambos os autores atribuem às orações independentes a função discursiva de figura, que remete às informações no foco de atenção. Como as subordinadas têm como função elaborar ou complementar o que foi colocado em primeiro plano pela oração principal, supõe-se que o foco não esteja nelas. Essa relação foi demonstrada com sucesso por Tomlin (1985) em um estudo no qual solicitou a 4 grupos de falantes nativos do inglês que produzissem narrativas sobre um desenho animado.

No entanto, essa perspectiva vai de encontro com o que parece estar ocorrendo no caso das substantivas no nosso corpus de editoriais. Aparentemente, as subordinadas estão fazendo mais do que elaborar o que está em foco. Isto é, elas parecem ser **o próprio foco**. Esse é o caso da expressão “mísseis disparados contra milhões de inocentes...” no exemplo (1):

- (1) O Mundo deu provas de repúdio ao massacre no Iraque por vários motivos. Um: fragilidade das razões alegadas. Bagdá está de joelhos. Atendeu às exigências da ONU e abriu o território às inspeções internacionais. Provou que não põe em risco a paz. Dois: suspeitas de que o verdadeiro motivo do ataque seja a cobiça pelo petróleo iraquiano e a necessidade de desovar e renovar arsenais. [...] A última, mas não menos importante: o medo das conseqüências. O Mundo sabe que os mísseis disparados contra milhões de inocentes abrirão a caixa de Pandora. Dela poderá sair a guerra da Coréia do Norte, pesadelo que traz de volta a ameaça do holocausto nuclear. [...]

Em (1), a oração subordinada substantiva (sublinhada) ao mesmo tempo que apresenta uma informação já dada pelos contextos situacional e discursivo é a entidade que permanece no foco de atenção, tornando-se proeminente no nível ideacional. Pensamos que é através desse tipo de jogo que as crenças e ideologias se projetam no discurso e interagem dinamicamente de forma a permitir que “opiniões” sejam concebidas como se fossem fatos. Neves (1997, p. 24) concorda conosco quando afirma que “é necessário observar-se não apenas o modo como se dá a concatenação das proposições como também as regras textuais a que as proposições devem ser submetidas”. Topicidade e tematização se relacionam com os sistemas sintáticos operantes. Assim, quando pensamos em subordinação é necessário considerarmos também a função **pragmática** dessas orações no contexto do discurso, exercida pela articulação do encadeamento de orações com contexto discursivo.

O mesmo acontece em (2), onde as orações subordinadas substantivas (sublinhadas) têm função de figura. No caso de (2) especificamente, a saliência perceptual também advém da frequência com que as substantivas aparecem no discurso:

- (2) Ou seja: os americanos encaram a guerra com a mentalidade de investidor, sem se importar com questões humanitárias. Nesse sentido, soçobra a dúvida: quem é pior? Bush, Blair ou Hussein? O mundo está em má companhia. E o pior é que mesmo com todas as atrocidades que vêm sendo registradas nas principais cidades iraquianas, parece que não haverá força para deter a sanha guerreira das chamadas tropas aliadas.

Ou seja, o contexto discursivo contribui para tornar saliente à percepção dos leitores informações que aparecem em construções sintáticas não marcadas. Isso não nos parece acontecer arbitrariamente e sim com o objetivo estratégico de reforçar, camufladamente, a posição do produtor do discurso junto aos interlocutores.

Para reforçar nosso entendimento, voltamos a Neves (2002). Segundo ela (2002, p. 168), “uma frase complexa tem necessariamente um ou mais núcleos e uma ou mais orações dependentes, variando o grau de dependência”. A relação de hipotaxe pode estar baseada em aspectos gramaticais ou retóricos. No caso de orações encaixadas (como no exemplo 3), a hierarquia entre a oração matriz e a subordinada substantiva tem relevância gramatical e retórica.

Gramaticalmente, a subordinada é altamente dependente da matriz, posto que exerce função de complemento nominal da mesma. Retoricamente, a dependência se dá a partir do momento em que a estrutura encaixada elabora “o argumento”, adquirindo maior força retórica do que uma informação dependente deveria ter:

- (3) Bush e os países que o apóiam não dispõem de justificativa moral ou de mandato legal para atacar o Iraque. Ao contrário, lançam a ofensiva militar sob os protestos da maioria dos governos do mundo e de grande parte da opinião pública do planeta. É chocante o argumento de que a campanha bélica tem como fim estabelecer a democracia no Iraque.

A informação em itálico, retomada na oração principal, encontra-se semi-ativa no discurso, já que o tempo todo o autor reitera a impossibilidade de se justificar a guerra contra o Iraque. Ao afirmar que algo é *chocante*, projeta a impressão de que esse “algo” refere-se à noção do “absurdo da guerra” que é paulatinamente construída no discurso. Mas na verdade, a informação nova só é introduzida no final da seqüência: “o argumento de Bush é de que a campanha bélica tem como fim estabelecer a democracia no Iraque”. Ou seja, apesar de no nível sentencial as orações subordinadas substantivas em (3) constituírem formas não marcadas, no nível discursivo, pragmático e cognitivo, atraem e mantêm o foco de atenção do público-leitor. Funcionam como figura.

Além disso, em (3), apesar de não haver uma marca explícita de ligação (conectivo) entre a subordinada (sublinhada) e a oração matriz, há integração dos níveis semântico e pragmático, pois como participantes oculares desse discurso, sabemos da luta de Bush para conseguir parceiros de causa. O contexto pragmático atua sobre o discurso, gerando economia lingüística e reduzindo o custo de processamento, pois se trata de informação já dada pelo contexto situacional.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Halliday (1967) e Bloor e Bloor (1995, p. 182) afirmam que “a decisão de se colocar uma oração dependente antes ou depois da oração da qual ela é dependente (oração dominante) não é arbitrária. Há diferentes significados vinculados de forma significativa a tais escolhas, inclusive aqueles identificados com as funções de Tema e Rema”. Ou seja, quando uma oração aparece no início de uma estrutura oracional complexa desempenha um papel temático significativo, contribuindo

para a estrutura da informação, o fluxo discursivo e o direcionamento do foco de atenção. Pragmaticamente, podemos dizer que essa informação se torna marcada e, portanto, sinalizadora de modelos culturais, ideologias e crenças. Esse é o caso da maioria das orações subordinadas substantivas no corpus. Thompson (1987), por sua vez, desenvolve Halliday e Bloor e Bloor ao sugerir que quando um produtor de discurso decide, mesmo que intuitivamente, lançar mão dessa estratégia, provavelmente possui algum objetivo discursivo de natureza retórica. No caso do gênero editorial objeto de nossa pesquisa, propomos que seja expressar opiniões institucionais de forma subliminar, como se as mesmas constituíssem “verdades” compartilhadas ou fatos inquestionáveis.

Abreu (1997) relê Haiman e Thompson (1984) e propõe que a oposição binária entre orações coordenadas e subordinadas seja extinta em prol de uma classificação “analógica” ao invés de “digital”. Para isso, categoriza as orações em português quanto à (i) identidade de tempo e/ou sujeito; (ii) redução de uma das orações por elipse ou por “perda de oposição”; (iii) incorporação marcada gramaticalmente de um das orações; (iv) ligação entonacional; (v) uma oração estar dentro do escopo de outra oração; e (vi) ausência de iconicidade. Além disso, afirma que “as orações subordinadas prototípicas são as substantivas e, dentro delas, as subjetivas, uma vez que elas possuem todas as seis propriedades” (ABREU, 1997, p. 21). Por fim, aponta para a ausência de iconicidade temporal entre as orações subordinadas e as principais, o que parece reforçar nosso entendimento sobre a função pragmática das subordinadas no contexto discursivo: as subordinadas, apesar de representarem informação de fundo, podem estar pragmaticamente marcadas ou no foco de atenção.

Em resumo, a subordinação não nos parece ser uma categoria estática, sim orgânica. Ela emerge em diferentes níveis do discurso articulando o grau de saliência com a percepção das idéias. Ao mesmo tempo em que no nível da estrutura da informação as subordinadas são formas não marcadas (fundo), no nível pragmático, podem ser figura. Quando o são, sinalizam modelos culturais, ideologias e crenças. Ou seja, opiniões. Em outras palavras, funcionam como uma estratégia pragmática para deslocar a atenção dos leitores do propósito comunicativo dos editoriais – defender um ponto de vista – para subliminarmente convencê-los de que o que se segue é “verdade”.

2.1 O caso das subordinadas substantivas

Nossa hipótese de trabalho, seguindo Abreu (1997), é que as subordinadas substantivas são prototípicas do gênero editorial. Entendemos prototipicidade como a recorrência regular das substantivas, em número superior a outros tipos de construção sintática, assim como um comportamento pragmático que propicia o desenvolvimento retórico característico do gênero, o uso de estruturas sintáticas não-marcadas em primeiro plano (como figuras) e o CONTEXTO em plano de fundo. Cabe, então, definir as subordinadas substantivas. Para Neves (2000, p. 333), as subordinadas substantivas:

“Equivalem a um sintagma nominal, e são por isso, tradicionalmente chamadas de orações substantivas. Desse modo, as orações substantivas têm as características de um elemento nominal, o que se verifica pela correspondência que elas, em geral, apresentam: (a) com um substantivo (+ determinante); (b) com o sintagma O FATO DE QUE, O FATO DE + verbo; (c) com um infinitivo substantivado”.

Segundo a autora, elas são construídas com verbos no infinitivo ou em um modo finito e conectadas à oração principal por uma conjunção integrante, “se” ou “que”. Quanto à função, vêm encaixadas em uma oração matriz e equivalem a um sintagma nominal, podendo exercer assim função argumental, predicativa e apositiva. Ainda segundo Neves (2000), as orações substantivas podem ser classificadas em subtipos semânticos e funcionais. Os semânticos incluem as orações completivas de natureza factual, as completivas com predicados implicativos e os predicados ligados a preenchimentos de condições (causativos afirmativos e negativos). Os funcionais incluem as orações subjetivas, as completivas verbais e as completivas nominais. Para a autora, é comum que o valor de factualidade esteja presente em estruturas subjetivas, tanto no nível semântico quanto no nível funcional. Por exemplo, em (4), a substantiva subjetiva (sublinhada) é estruturada como um sintagma nominal – “o fato de” — que imprime ao discurso opinativo a condição de factualidade. Na realidade, no entanto, trata-se de uma opinião “travestida” de fato pela subordinada substantiva subjetiva. Funciona como figura no nível pragmático.

- (4) É lamentável que o desfecho para mais esta aventura militar ensandecida tenha se tornado imprevisível diante dos últimos acontecimentos. Infelizmente, o protesto nas ruas e o crescimento do número de mortos não serão capazes de mudar o rumo do que está posto. Devemos esperar pelo pior.

Tanto Talmy (1978) quanto Abreu (1997, p. 35) concordam que “os processos de articulação das orações podem ser também utilizados, pragmaticamente, para colocar pressupostos”. No caso das substantivas no corpus, pensamos que o alto número de recorrências esteja relacionado com a necessidade de se ativar pressupostos que contribuem para a co-construção de um discurso ideologicamente marcado, sem que isso fique explícito, pois textualmente é informação de fundo. O exemplo (4) ilustra essa função pragmática a partir de dois processos: (a) a transformação de uma opinião em fato e (b) o sombreamento³ da voz responsável pela opinião. Nele, há uma oração subordinada substantiva subjetiva clivada que exerce a função de mascarar a opinião.

A estrutura clivada “é lamentável que” embute a estrutura “o fato de que”, típica das subordinadas substantivas com características de factualidade. De forma sutil, convida os interlocutores a se alinharem com a perspectiva ideológica do produtor do discurso. É como se estivesse dito “eu lamento e vocês também”, ou ainda, “nós, interactantes, partilhamos dessa tristeza”. O segundo processo, então, sombreada o sujeito responsável pelo ponto de vista, manipulando a perspectivação⁴. Ao fazê-lo, cria a pressuposição de que a opinião apresentada é compartilhada por todos. Temos então as seguintes pressuposições em (4):

- (4a) Nós (interactantes) lamentamos que o desfecho para mais esta aventura militar ensandecida tenha se tornado imprevisível diante dos últimos acontecimentos.
- (4b) É fato que o desfecho para mais esta aventura militar ensandecida tornou-se imprevisível diante dos últimos acontecimentos.
- (4c) Esta não é a primeira nem a única aventura militar ensandecida (“mais esta”).

Portanto, concordamos com Grundy e Jiang (2001). Tais pressuposições fluam em espaços mentais e formam o pano de fundo. Elas permanecem semi-ativas para serem recuperadas a qualquer momento pelos processos

³ O termo SOMBREAR é tomado emprestado de Salles Cunha, L.D.A. (2004).

⁴ A visão de quem enunciou a informação, portanto, marcada pragmaticamente segundo o propósito comunicativo do evento de fala e do gênero (LANGACKER, 1991, p. 316).

inferenciais. Emoldurados por uma realidade psicologicamente construída pelo sujeito que age na cena comunicativa, esses pressupostos permanecem verdadeiros até que outro espaço mental, com novos modelos cognitivos⁵, seja ativado e modifique ou invalide o espaço mental anterior. O recurso que sinaliza para a abertura de um novo espaço de referência é o epistêmico “lamentar”, já que semanticamente os epistêmicos são usados para expressar um modo de pensar.

Tomando como base essa revisão da literatura e a relação que estabelecemos entre ela e o nosso corpus, partimos para a análise quantitativa dos dados. Nosso objetivo foi investigar que tipos de orações subordinadas estavam presentes e quais ocorriam com maior regularidade. É essa a etapa do estudo que reportamos a seguir.

3. Que construção ocorre com maior regularidade no corpus?⁶

Para identificarmos as subordinadas e seu número de ocorrências, primeiro as codificamos por tipo (substantivas, adjetivas e adverbiais reduzidas e desenvolvidas), usando um sistema de codificação por cores. Um avaliador externo, doutor em língua portuguesa, foi chamado para corroborar a codificação das orações e evitar ameaças à validade do estudo. Em seguida, contamos manualmente quantas ocorrências havia para cada tipo de oração. Como os editoriais variam em número de palavras, todos os valores foram normatizados para 1000 palavras. Tomamos a frequência absoluta de cada tipo de oração subordinada por editorial e a dividimos pelo número total de palavras em cada um deles. Em seguida multiplicamos o valor encontrado por 1000. Por exemplo, a frequência normatizada de orações subordinadas substantivas no editorial “A economia de guerra” é:

$$(12 : 315) \times 1000 = 38,09^7$$

Com base nas frequências normatizadas, efetuamos procedimentos de estatística descritiva (média, variação, desvio padrão).

⁵ Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs): conhecimento de mundo enraizado na nossa experiência sociocultural e arquivado na forma de categorias pela cognição humana (LAKOFF, 1987).

⁶ Detalhes dos procedimentos metodológicos assim como o texto integral dos editoriais analisados podem ser encontrados em Sommer (2004).

⁷ Os valores foram arredondados para a 1ª casa decimal. Por exemplo, 8,74=9 e 38,09=38.

Encontramos 586 orações subordinadas substantivas (n=586; 43%), 455 orações subordinadas adjetivas (n=455; 33%) e 330 orações subordinadas adverbiais (n= 330; 24%) no corpus. O percentual de ocorrência das substantivas é quase duas vezes maior do que o de orações adverbiais e aproximadamente 20% maior do que o de adjetivas. Ou seja, confirmamos a prototipicidade desse tipo de oração na construção da significação no gênero editorial e corroboramos Abreu (1997).

Com isso, não queremos excluir a possibilidade de as orações adverbiais e adjetivas também desempenharem função pragmática semelhante à que identificamos para as substantivas. Ferrari (1999), por exemplo, já estudou o papel das condicionais e demonstrou que todas as construções condicionais introduzem espaços de referenciação que enfatizam o papel do interlocutor na co-construção do discurso. No entanto, dado o escopo desse trabalho, examinaremos exclusivamente o papel das subordinadas substantivas, deixando para pesquisas futuras examinar o papel das adverbiais e adjetivas. As tabelas 3 e 4 resumem os achados quantitativos.

Tabela 3 – As orações subordinadas no corpus de editoriais

N=20; ocorrências:1000

	Substantivas	Adjetivas	Adverbiais
Mínimo	9	6	0
Máximo	49	46	40
Varição	40	40	40
Média	29	23	16
Mediana	27	22	26
Total/1000	586	455	330

Nota: valores arredondados

Tabela 4 – Distribuição das subordinadas substantivas

Orações subordinadas substantivas Ocorrências: 1000	Nº de editoriais	%
49-41	5	25
38-33	4	20
28-18	8	40
16-9	3	15

Apesar de haver variação bastante considerável (=40), a distribuição das frequências tende para cima, não deixando dúvidas quanto à representatividade das orações substantivas. Isto é, há 18 editoriais nos quais ocorrem mais de 16 orações substantivas e em onze deles o número de ocorrências está na mediana ou acima dela (n=27), como ilustramos na tabela 4. Na realidade, a distribuição dessas ocorrências quando representada por uma curva, muito se aproxima da curva de Bell. Ou seja, as ocorrências concentram-se nas proximidades da média, caracterizando um corpus de tendência relativamente homogênea.

Esses resultados corroboram Biber (1988). As substantivas são construções que recorrem com regularidade nos editoriais e que, por apontarem para um saber compartilhado, potencialmente, têm caráter interacional. Agregando valor aos achados de Biber (1988), o presente estudo também demonstra o alto grau de representatividade das subordinadas subjetivas, o que nos remete novamente ao estudo de Abreu (1997), que as categoriza como as mais prototípicas das subordinadas. Esse resultado, por sua vez, nos conduz à discussão sobre factualidade, saliência perceptual e função temática. As subordinadas substantivas são os temas reais no nível do discurso, portanto, altamente salientes à percepção dos leitores/interlocutores no contexto discursivo. Ao mesmo tempo, permitem o trânsito de pressuposições como “acredito que”, “penso que”, presentes na moldura comunicativa, ou seja, estão no pano de fundo.

Cabe ressaltar que acreditamos que a recorrência de um tipo de estrutura lingüística isoladamente não é suficiente para caracterizar um gênero. Para isso, é necessário avaliar outros aspectos discursivos que vão além da regularidade de uma determinada estrutura, dentre eles as relações semânticas, elementos pragmático-discursivos e aspectos interacionais. Consideramos a subordinada substantiva apenas uma dentre outras possíveis estratégias discursivas típicas do gênero editorial jornalístico.

Uma vez verificada a prototipicidade das substantivas no gênero editorial, empreendemos a última etapa desse estudo: o exame qualitativo das substantivas à luz do conceito de mescla (FAUCONNIER e TURNER, 2002), visando a entender o jogo de fatos e opiniões cognitivamente. Na seção 4, reportamos os resultados dessa etapa. Primeiro definimos os conceitos a serem utilizados como unidades de análise e fazemos breve revisão da literatura que já os utilizou em contexto semelhante. A seguir, reportamos os resultados da análise propriamente dita.

4. Espaços mentais e mesclas

Fauconnier (1994, p. 82-108) caracteriza os espaços mentais como pacotes conceituais construídos localmente no processo interativo visando à compreensão da informação que precisa ser processada localmente, em um momento específico da comunicação. Esses espaços são ativados por pistas lingüísticas, os introdutores de espaços mentais, que segundo Fauconnier podem ser sintagmas preposicionados, advérbios, conectivos, verbos de natureza subjetiva (João acredita..., Maria espera...) sentenças e outras estruturas lingüísticas. Em outras palavras, os espaços mentais são domínios cognitivos de natureza episódica, espaços de referência. Turner (1996) desenvolve essa idéia e nos mostra como a faculdade imaginativa do homem se caracteriza pela construção de espaços de referência que se mesclam e se relacionam, permitindo que infinitas histórias sejam criadas a partir de padrões recorrentes em nossas experiências sensorio-motoras via projeções metafóricas (TURNER, 1996, p. 16). Segundo ele, é a nossa capacidade de projetar informações ou entender domínios abstratos (alvo) em termos de experiências concretas (fonte), sobrepondo-os por similaridade de partes e contrapartes, que possibilita a construção do sentido.

Mais especificamente, o conceito de mescla é definido por Fauconnier (1997, p. 149) como o espaço que “herda estruturas parciais dos espaços fonte e que possui uma estrutura emergente própria”. Ou seja, o espaço mescla transcende aos outros ao sobrepor por similaridade partes e contrapartes de domínios de *input* (fonte e alvo), alavancando um espaço genérico. O espaço genérico, por sua vez, incorpora estruturas parciais dos domínios fonte e alvo, ao mesmo tempo em que também assinala contrapartes para os outros domínios conceptuais. Segundo Turner (1996, p. 117), trata-se de um processo recursivo, pois podemos gerar várias mesclas a partir de vários espaços de *input*. Até mesmo o espaço genérico tem existência conceptual própria, visto que uma informação genérica pode ser também projetada para ele.

Assim sendo, ao mesclar associamos elementos de uma visão que é nossa com as contrapartes presentes em pontos de vista presentes em outros espaços mentais, integrando os fragmentos de informação e concebendo pequenas histórias como se elas fossem únicas. Nesse processo, assumimos um ponto de vista, focando alguns aspectos conceituais e encobrendo outros. Quanto mais convencional for a mescla, menos é possível perceber que certos aspectos da experiência estão sendo camuflados. Ou seja, a parcialidade é uma característica da mescla.

4.1 Os espaços mentais, as mesclas e as orações subordinadas

Ferrari (1999) e Raposo Meirelles (2003) abordam a relação entre subordinadas condicionais e a função cognitiva de criar espaços mentais. Enquanto Ferrari utiliza dados da interação entre professores integrantes do Projeto Pró-leitura na Escola Fernando Lobo em Juiz de Fora, Raposo, Meirelles utiliza a interação entre professores do ensino fundamental de uma escola pública na mesma cidade (seus dados fazem parte do projeto NUPEL – Núcleo de Pesquisa e Estudo da Linguagem). De acordo com Ferrari (1999), todas as construções condicionais são introdutoras de espaços mentais, sendo que as condicionais factuais encabeçadas pela conjunção “se” são casos especiais em que “a escolha entre o presente do indicativo e o futuro do subjuntivo na prótase indica diferentes processos de mesclagem de perspectivas” (Ferrari, 1999, p. 123). A autora aponta, além disso, que a escolha de diferentes tempos verbais nas prótases inserem ou neutralizam o interlocutor na situação discursiva, marcando pragmaticamente um posicionamento.

Abordando também as condicionais contrafactuais em português, Raposo Meirelles (2003) examina a variação modo-temporal e sua relação com a definição de aspectos cognitivos e interacionais. Segundo seus resultados, as construções condicionais contrafactuais sinalizam processos de mesclagem que surgem da projeção de partes e contrapartes entre domínios cognitivos.

Já Salomão (1999) estuda “as condições de geração das formas e significações” através de uma abordagem cognitiva da gramática em estudo de corpus. Baseando-se em Fauconnier (1994), afirma, dentre outras coisas, que a linguagem tem como função “introduzir espaços mentais através de SPs, SADVs, conjunções, predicadores preposicionais” e “definir, através de clivagens, predicadores factivos, marcadores aspectuais, descrições definidas, que elementos de informação se propagam como pressuposições dos espaços-filhos até o espaço mental base” (Salomão, 1999, p. 42-43). Quanto à primeira função, nos interessa o exemplo de conjunções introdutoras de espaços mentais apresentado pela autora: “Antonio Carlos achava que o presidente era um homem justo”. Quanto à segunda função, nos interessa pensar nas formas clivadas e nos predicadores factivos como elementos que permitem o trânsito de pressuposições através de espaços mentais distintos. Por exemplo, em (3), há a forma clivada “É chocante o argumento de que”. A partir dela, as seguintes pressuposições transitam pelos espaços mentais:

- (3a) Nós interactantes) consideramos chocante o argumento [...]
- (3b) Esse ponto de vista de que é chocante é um FATO.
- (3c) Há um “argumento” para a guerra, e não uma razão. Argumentos nem sempre são verdadeiros, logo, esse argumento pode ser falso.

Esse tipo de estrutura nos interessa por alinhar pragmaticamente os interlocutores de forma implícita, contribuindo para dar a impressão de que a crença é compartilhada, como se fosse “fato”. Trata-se então de um efeito semântico-pragmático.

De forma semelhante, Chiavegatto (1998), ao analisar relatos de opinião para descrever a função dos introdutores de espaços mentais em textos argumentativos mostra como os introdutores guiam a interpretação de significados embutidos, especialmente os de natureza pragmática e cognitiva, nas construções gramaticais. Segundo a autora, uma sucessão de espaços mentais é desencadeada pelo introdutor “acho que”. “São subespaços que se conectam ao espaço matriz aberto através de um elo semântico (a semântica do verbo “achar”) e outro sintático – a relação de subordinação que o sintagma do verbo “achar” faz emergir. A informação pragmática de que os complementos do verbo são argumentos que visam a expressar a opinião instaurada no espaço matriz não é verbalizada, mas decorre da interpretação que o introdutor espacial ativa”(CHIAVEGATTO, 1998, p. 16).

Esse corpo de conhecimento nos leva a propor que a subordinação é um mecanismo sintático de projeção do nível cognitivo no nível do discurso, atuando como uma estrutura maleável subjacente ao processo de gerenciar espaços de referência.

5. Aplicando o conceito de mescla ao corpus

Enquanto a análise quantitativa sinalizou que as orações subordinadas substantivas são elementos prototípicos do gênero, a análise qualitativa contempla como e porque as estruturas subordinadas ascendem ao status de figura no nível discursivo-pragmático. Tal análise também demonstra, seguindo Fauconnier (1994), que o uso freqüente de subordinadas substantivas subjetivas em construções clivadas leva o leitor a se alinhar com a opinião do editorial, pois o cópula na oração clivada abre um espaço mescla que pressupõe a concordância entre leitores-editorial quanto à natureza da informação (verdadeira ou falsa). Essas mesclas parecem explicar,

juntamente com a assimetria figura-fundo, porque opiniões se confundem com fatos e ganham valor de “verdade”. Dentre outros aspectos, a voz de quem fala é apagada de forma sistemática contribuindo para transformar a realidade do produtor do discurso em uma realidade generalizada. Exemplificamos a seguir esses achados, buscando apresentar diferentes tipos de subordinadas substantivas assim como editoriais publicados em diferentes regiões do Brasil. Partiremos sempre da análise do contexto discursivo.

5.1 Os resultados qualitativos

A moldura comunicativa EDITORIAL NO BRASIL caracteriza-se por ações retóricas de concordância, discordância, desafio, questionamento, resposta, persuasão, indignação e problematização de questões socialmente relevantes, dentro de um texto argumentativo que lança mão de operadores argumentativos (até, mesmo, até mesmo, inclusive, portanto, etc.) para convencer o leitor de que sua opinião tem credibilidade e merece ser considerada. A expectativa do público leitor então é de que haja uma opinião, a voz da instituição, assim como um alinhamento ideológico já típico da linha editorial do jornal.

Com isso em mente, tomemos o caso de um dos editoriais do Correio do Povo, Região Sul, ilustrado no exemplo (5): “Os efeitos da guerra na economia”. A partir de uma orientação discursiva de economia mundial globalizada, o jornal trata o tema da guerra na esfera econômica. Mais especificamente, em (5) o sintagma nominal formado pelo sujeito da oração principal somado ao epistêmico “admite” introduzem um espaço mental de informações compartilhadas (*Input 1*) e um espaço mental de opiniões (*Input 2*) que estabelecem relações de correspondência e completamento, gerando um espaço mescla. Nesse espaço, sinalizado pela oração subordinada substantiva, uma informação nova e ideacionalmente saliente é co-construída, deixando como plano de fundo a opinião da instituição, o jornal Correio do Povo. É o contexto quem permite que a subordinada substantiva apareça no plano de figura e domine os recursos de atenção.

Assim sendo, os MCIs de guerra, globalização e crise econômica gerada pela guerra estruturam os espaços mentais e emolduram o discurso, contribuindo para as relações de correspondência entre os domínios enquadrados pela moldura comunicativa: um espaço genérico onde há a

possibilidade de guerra entre EUA e Iraque com conseqüências econômicas para o Brasil; um espaço da realidade apreendida com suas partes—o ministro Pallocci, a guerra eminente, fontes oficiais, o governo, os EUA, o Iraque, o Brasil, dentre outras; um espaço das opiniões do produtor do discurso, com suas partes —uma guerra de fato e uma crise aguda e temporária. Essas partes são sobrepostas e geram um novo espaço singular, no qual reside o novo sentido que o sujeito do discurso quer dar ao editorial, encobrendo todos os outros aspectos do domínio alvo. Nele, não mais importa se o que é dito é fato ou opinião, mas sim que a credibilidade seja sustentada por fatores da situação discursiva (cf. Fauconnier, 1997), como mostra a figura (1).

- (5) O risco crescente de uma intervenção militar dos Estados Unidos no Iraque e as repercussões econômicas do conflito no Brasil estão sendo avaliados pelo governo, embora as fontes oficiais tentem minimizar as preocupações com a questão. O ministro da Fazenda, Antônio Palocci, admite que a guerra, caso ocorra, provocará uma crise aguda, mas temporária, sem impactos permanentes. Ao negar que a área econômica esteja preparando um pacote de medidas para enfrentar os problemas que a crise poderá gerar e que de imediato se farão sentir na elevação da taxa de câmbio e do aumento do preço do petróleo, Palocci espera que o comércio exterior, incentivado, possa contribuir de forma efetiva para amenizar os efeitos do conflito bélico numa das mais importantes regiões petrolífera do mundo.

Moldura Comunicativa: O editorial no Brasil

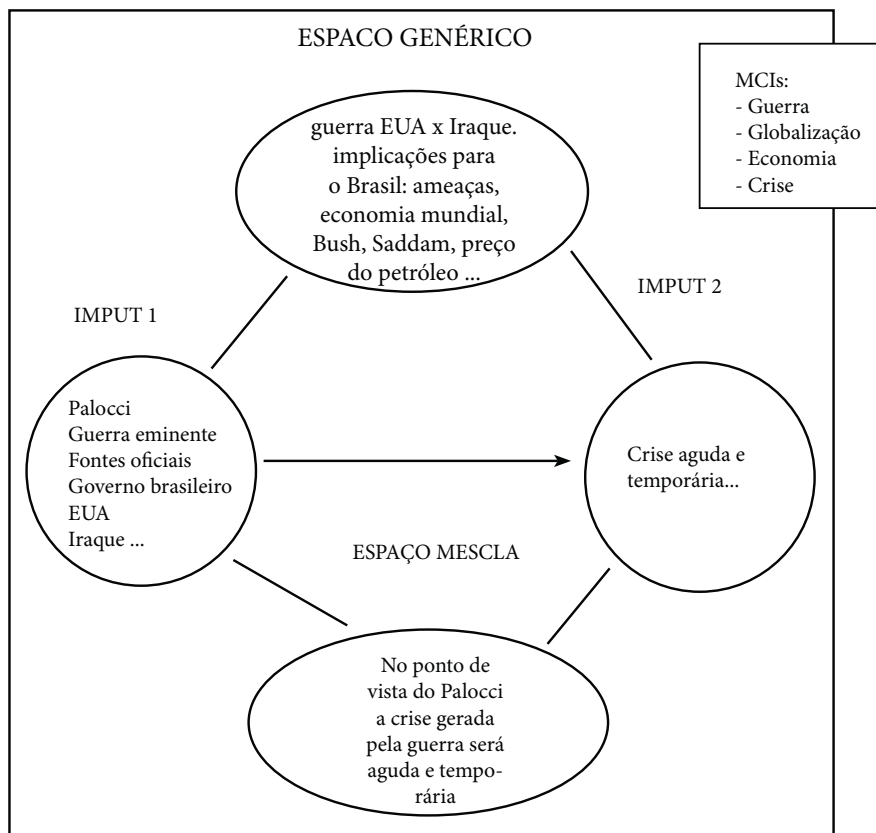


Figura 1 – A guerra como crise aguda e temporária

Cabe ressaltar que em (5), o produtor do discurso distingue governo, fontes oficiais e Ministro da Fazenda como se as três entidades pertencessem a esferas diferentes do poder. Ao apresentar a voz do ministro em forma de discurso reportado, o produtor do discurso ativa outro espaço mental que o isenta de responsabilidade sobre as assertivas, ao mesmo tempo em que imprime credibilidade ao discurso. Em outras palavras, é a visão de um sujeito singular, pragmaticamente envolvido na situação discursiva que impõe a assimetria figura-fundo, estrategicamente gerenciando os recursos de atenção dos interlocutores.

O mesmo efeitos psico-pragmáticos podem ser observados em (6), editorial publicado pela Gazeta de Alagoas, região Nordeste do Brasil e intitulado “A guerra e nós”. A partir de uma orientação discursiva calcada no modelo cultural antiimperialista, nacionalista e pró-diplomacia, em (6) os MCIs de guerra, sociedade, nacionalismo, encenação teatral, meteorologia e organizações militares estruturam os espaços mentais introduzidos pelo cópula na estrutura clivada onde está a oração subordinada substantiva subjetiva (sublinhada). A informação que age como figura no plano cognitivo e pragmático é de que haverá cenários mais difíceis. No entanto, ela aparece de forma não marcada no nível do discurso. A perspectiva do produtor do discurso de que “Nós temos que encarar estes cenários mais difíceis” emerge de pressuposições presentes no plano de fundo. Para tal, o produtor do discurso elege uma estrutura subordinada substantiva que não marca sintaticamente o sujeito, tornando-o perceptualmente difuso. Estruturas do tipo “*é x que y*” (ou sua forma reduzida) ativam espaços mentais onde pressuposições flutuam livremente, ganhando valor de fatos comparilhados (Fauconnier, 1997).

- (6) O presidente Luiz Inácio Lula da Silva prometeu, em discurso proferido nesta semana, encaminhar, ao Congresso Nacional, no mês de abril, as reformas tributária e previdenciária. Essas propostas viraram projetos ainda no governo passado, mais não foram adiante. Hoje, parecem ser os únicos pontos da agenda que o governo tem para tirar o país do buraco. [...]
Voltando à guerra dos Estados Unidos contra o Iraque, é muita temeridade apostar num único cenário: uma vitória rápida americana (ainda que muito provável). É preciso encarar cenários mais difíceis. Mesmo se a ocupação do Iraque acontecer da forma como os americanos planejaram, o céu global não será de brigadeiro. Nuvens carregadas prometem mais sombras.

A figura 2 ilustra os espaços mentais e a mescla do exemplo (6). Dentro da moldura comunicativa, instaura-se um espaço genérico (presidente Lula, o Congresso Nacional, o Brasil, o PIB, etc.), um espaço da realidade apreendida (EUA, Iraque, guerra em andamento e vários cenários conseqüentes) e um de opiniões (há cenários mais difíceis, nuvens carregadas, céu que não é de brigadeiro). Para ativar sua perspectiva na cena comunicativa, o sujeito que nela age lança mão da estrutura factual “é preciso

encarar”. O modelo cultural antiimperialista, pró-diplomacia leva as partes dos espaços a estabelecerem correspondências entre si, dando origem ao espaço mescla onde a seguinte implicatura permanece ativa: haverá cenários mais difíceis (na realidade).

Ao mesmo tempo, o olhar cuidadoso sabe que a informação contida na mescla é apenas a crença do produtor do discurso, já que vários cenários

MOLDURA COMUNICATIVA: O editorial no Brasil

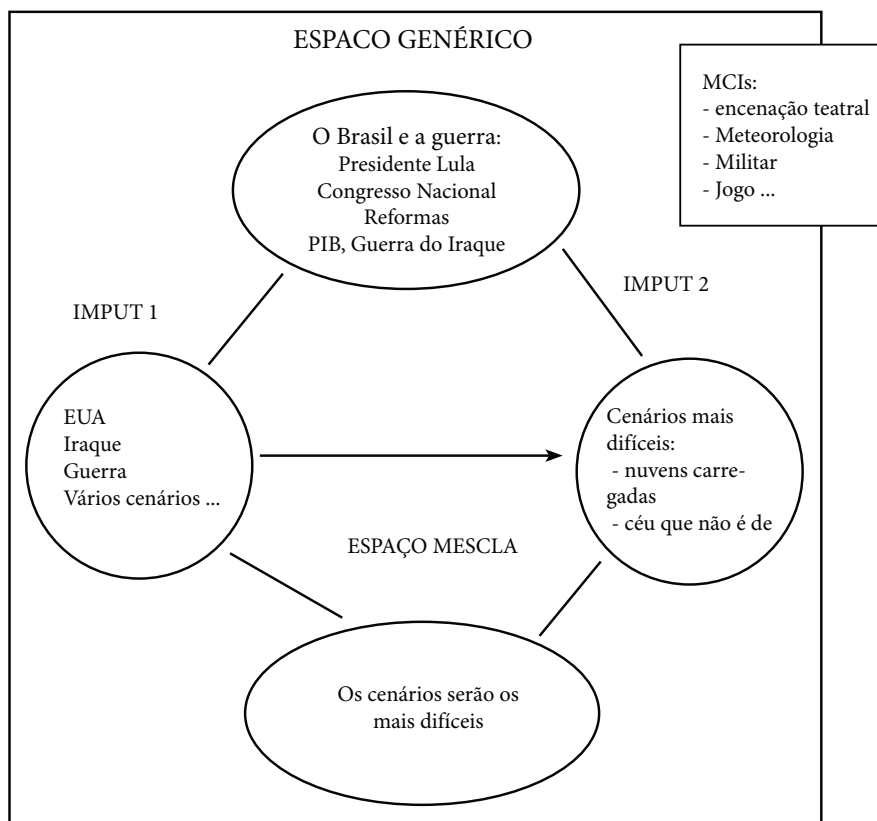


Figura 2 – A configuração de um cenário global tempestuoso

eram possíveis (essa informação está no CONTEXTO) e no momento em que o editorial foi produzido (29/03/2003), não se sabia de fato se eles seriam mais ou menos difíceis. A continuação do parágrafo corrobora essa análise, já que ao afirmar que o “céu global não será de brigadeiro”, o produtor do discurso usa uma metáfora estruturada pelo MCI de organização militar e de meteorologia, para explicitamente, de forma sintaticamente não-marcada, reforçar a opinião anteriormente emitida como indiscutível.

Fechando a análise qualitativa, apresentamos o editorial publicado pela Folha de São Paulo, região sudeste do Brasil, “Sob as bombas”. A orientação discursiva desse jornal volta-se para os aspectos sociais e humanitários relacionados à guerra, dentro de um modelo cultural globalizado e de imperialismo norte-americano. Como nos exemplos anteriores, o exemplo (7) e a Figura 3 apresentam os efeitos cognitivos e pragmáticos desencadeados pela oração subordinada substantiva. O trecho que apresentamos é o primeiro parágrafo do editorial. Nele, há uma subordinada substantiva predicativa (sublinhada) que atrai o foco de atenção do público-leitor ao introduzir uma informação de forma saliente à percepção dos leitores. A informação de fundo é a ofensiva militar americana, sinalizada pelo discurso e pelo contexto situacional:

- (7) Foi com um indisfarçável orgulho que autoridades norte-americanas anunciaram a fase “Choque a Pavor” da ofensiva militar, na qual centenas de bombas e mísseis foram lançados sobre Bagdá e outras grandes cidades iraquianas. O problema por trás da linguagem asséptica dos militares, que evoca jogos de videogame, é que existem em Bagdá cerca de 5 milhões de pessoas que podem morrer por causa dos bombardeios.

MOLDURA COMUNICATIVA: O editorial no Brasil

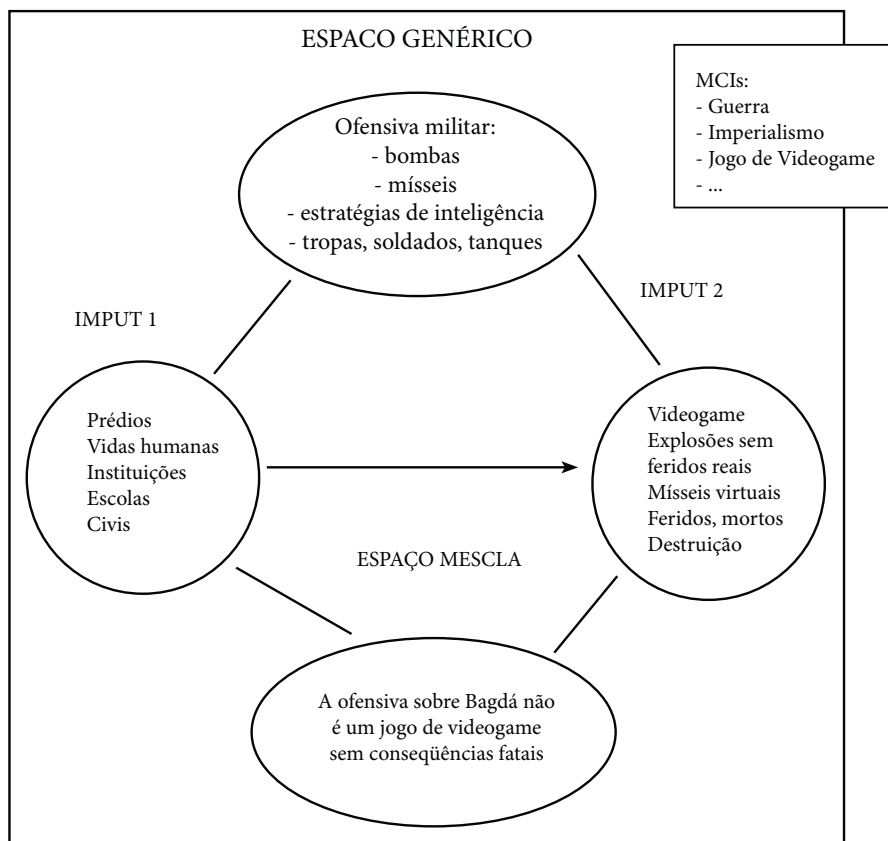


Figura 3 – A configuração da ofensiva militar “virtual” americana como ofensiva real

A partir das relações estabelecidas entre um espaço genérico enquadrado como ofensiva militar (com bombas, mísseis, estratégias de inteligência, tropas, armamentos, soldados, tanques), de um espaço mental onde de fato há uma ofensiva sobre Bagdá (local onde se encontram prédios, pessoas, escolas, instituições) e de outro onde há crenças de um produtor de discurso (nesse espaço a ofensiva sobre Bagdá tem características de videogame com explosões em feridos reais, mísseis virtuais, imagens de guerra),

emerge uma mescla onde as partes se entrelaçam, fazendo com que uma cena perspectivada pelo sujeito que age na discursiva seja construída como “factual”. Nessa mescla, surge a opinião de que “o fato de que existem cerca de 5 milhões de pessoas em Bagdá” é um problema real, já que na realidade apreendida (*input 1*), a ofensiva de videogame sobre Bagdá não é apenas uma estratégia, nem Bagdá é uma cidade virtual. É sim uma entidade do mundo real, constituída por prédios, escolas, hospitais e pessoas de carne e osso como a história posterior à publicação do editorial muito bem nos mostrou. Na mescla, essa opinião ganha força de fato: “a ofensiva sobre Bagdá não é um jogo de videogame, pois tem sim conseqüências fatais”. E o resto é história.

Conclusão

Este artigo buscou explicar pragmática e cognitivamente como os editoriais formam a opinião pública. Especificamente, abordou as orações subordinadas substantivas segundo o conceito de mescla e a assimetria figura-fundo. A análise demonstrou que as orações subordinadas substantivas sinalizam espaços mescla nos quais partes e contrapartes de outros espaços se colam misturando crenças e a realidade apreendida, contribuindo assim para que opiniões sejam concebidas como fatos, principalmente no caso das subjetivas em estruturas clivadas. Funcionalmente, essas estruturas são factivas. Assim sendo, atraem os recursos de atenção dos leitores, afastando-os da contraparte do jogo, o fundo, que é consubstanciado pelas pressuposições, a orientação discursiva e o ponto de vista do sujeito que age na cena comunicativa. Esse, ao permanecer no plano de fundo, é sombreado, gerando efeitos semântico-pragmáticos que levam o público leitor a perceber opiniões do produtor do discurso como verdades inquestionáveis.

Acreditamos que a presente reflexão possa trazer contribuições interessantes para o fazer jornalístico, o empoderamento do público-leitor e a pedagogia de ensino de produção de texto. Encaminhamentos futuros poderão examinar o jogo figura-fundo e sua relação com as dimensões ideacionais e lingüísticas em outros gêneros, assim como outros tipos de orações subordinadas presentes nos editoriais. Há também muito a ser estudado sobre a questão das pressuposições que flutuam nos espaços de referência sinalizados pelas substantivas (*Presupposition Float*, Fauconnier, 1994).

Referências Bibliográficas

ABREU, A.S. Coordenação e subordinação – uma proposta de descrição gramatical. *Alfa – Revista de Lingüística*. V. 41, p. 13-38. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

BIBER, D. *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BLOOR, T.; BLOOR, M. *The functional analysis of English: a Hallidayan approach*. Great Britain: Arnold, 1995.

BROWN, G.; YULE, G. *Discourse Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CHIAVEGATTO, V.C. A função dos introdutores de Espaços Mentais na construção lingüística de relatos de opinião no português do Brasil. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional do Instituto Ibero-Americano “A Investigação do Português da África, América, Ásia e Europa: balanço crítico e discussão do ponto actual das investigações”*. Berlim, 1998.

FAUCONNIER, G. *Mappings in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. New York. Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Perseus Books Group, 2002.

FERRARI, L.V. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. *Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos*. UFJF. V. 3, n.1, p. 115-128. Juiz de Fora, EDUFJF, 1999.

GRUNDY, P. e JIANG, Y. Ideological ground and relevant interpretations in a cognitive semantics. In: DIRVEN, HAWKINS; SANDIKCIOGLU (orgs.), *Language and ideology: Theoretical cognitive approaches*. Amsterdam: John Benjamins, 2001, p. 107-140.

HAIMAN, J.; THOMPSON, S. Subordination in universal grammar. In: BRUGMAN, C.; MACAULAY, M. (orgs.) *Proceedings of the tenth annual meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistics Society, 1984, p. 510-523.

HALLIDAY, M.A.K. Notes on transitivity and theme in English. *Journal of Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, V. 3, n. 1, p. 37-81 e V. 3, n.2, p. 199-244, 1967.

JOHSON-LAIRD, P.N. *Mental Models*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

KHALIL, E. N. Grounding and its signaling: Evidence from short news texts. *Discourse Studies*. V.3, n. 1, p. 97-118. Londres: Sage Publications, 2000.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R.W. *Concept, image and symbol: The cognitive basis of grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

NEVES, M.H.M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1997.

NEVES, M.H.M. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora da UNESP, 2000, p. 333-363.

RAPOSO MEIRELES, F.A. Um estudo sócio-cognitivo da expressão lingüística de contrafactualidade. In: MOLLICA, M.C.; RONCARATI, C. (Orgs.), *Anais do III congresso internacional da Abralín*, 2003.

SALLES CUNHA, L.D.A. *O gerúndio como expressão da modalidade em português*. 1º. Semestre de 2004. 80 p. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

SALOMÃO, M.M.M. O processo cognitivo de mesclagem na análise lingüística do discurso. Juiz de Fora: *Projeto Integrado de Pesquisa. Grupo Pesquisa Gramática & Cognição (UERJ / UFRJ / UFJF)*, 1999.

SOMMER, L. M. *Além da ponta do iceberg: O papel das orações subordinadas substantivas na projeção de verdades e opiniões no discurso editorial – uma proposta funcional cognitiva*. 2004. 133p. Dissertação de Mestrado. PUC – Rio, Departamento de Letras. Disponível em www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br. Último acesso em 28/11/2007.

SPERBER, D.; WILSON, D. *Relevance: communicaiton and cognition*. 2ª ed. Cambridge: Harvard University Press; Oxford: Basil Blackwell, 1995.

TALMY, L. Figure and ground in complex sentences. In: GREENBERG, J.H. (ORG.). *Universals of Human Language*. Stanford: University of California, 1978, p. 625-49.

THOMPSON, S. "Subordination" and narrative event structure. In: TOMLIN, R. (Org.) *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1987, p. 435-454.

TOMLIN, R. Foreground-background information and the syntax of subordination. *Text*, V. 5, n.1-2, p. 85-122. Mouton Publishers, Amsterdam, 1985.

TURNER, M. *The literary mind*. New York: Oxford University Press, 1996.

VAN DIJK, T.A. *Opinions and ideologies in editorials*. New York: Academic Press, 1983.

VAN DIJK, T.A. Context models and text processing. In: STAMENOW, M. (Org.) *Cognition and consciousness*, Amsterdam: Benjamins, 1997, p. 189-229.

Recebido em 25 de novembro de 2007

Aceito em 27 de fevereiro de 2008